

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

16 DE JULHO DE 1910

N.º 276

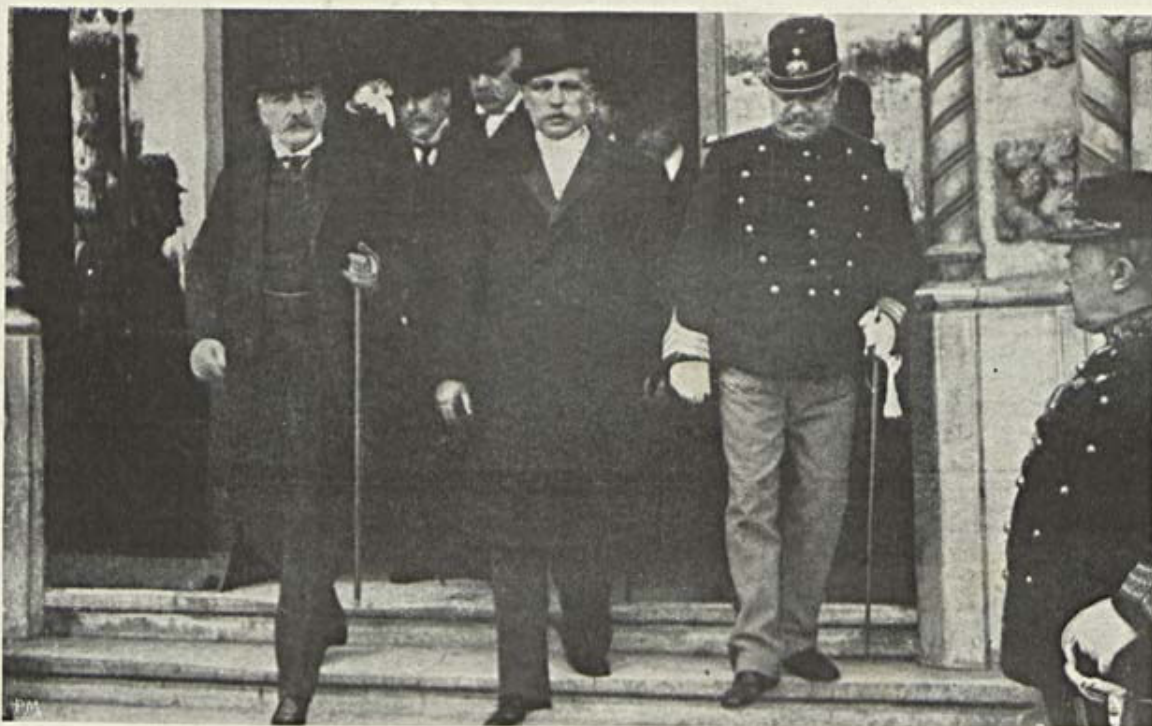
HOSPEDES ILLUSTRES



DR. SAENZ PEÑA

Presidente eleito da Republica Argentina

O dr. Saenz Peña, presidente eleito da república Argentina, em Lisboa



Chegada a Lisboa — Saída da estação do Rocio

Da esquerda para a direita: Dr. Saenz Peña, Garcia Sagastume, ministro argentino, conselheiro Teixeira de Sousa, presidente do conselho, José de Azevedo, Castello Branco, ministro dos negocios estrangeiros

Foi a convite de El-Rei D. Manuel que o dr. Saenz Peña visitou Portugal, onde apenas se demorou dois dias. Esse convite tem uma alta significação, dadas as relações affectuosas que nos ultimos tempos mais se accentuaram entre os dois paizes.

O illustre presidente eleito da Argentina chegou a Lisboa — que já por vezes visitára — no dia 2 d'este mez, e partiu na ma-

O Brasil-Portugal saúda, embora tardiamente, o seu illustre hospede, cujo retrato publica em lugar de honra, e insere os dois instantaneos que figuram n'esta pagina e que foram colhidos na occasião da chegada a Lisboa, e á saída da Legação Argentina.

A quinze dias de vista . . .

Letras que não obrigam a protesto



Da legação argentina para o Paço

O presidente Saenz Peña e Garcia Sagastume, ministro da Argentina
(Clichés de A. C. Lima).

Calor e politica. O sr. Teixeira de Sousa no poder. Ataques das opposições colligadas. Eleições á porta. A guerra da Mangerona conservadora ao Alecrim radical. Vão falar as urnas! — Dois hospedes illustres: o presidente eleito da Republica Argentina, dr. Saenz Peña e o dr. Norberto Piñero. Recepções cordealissimas. — Visita de El-Rei ao Lyceu Camões. — A desanimação em Lisboa.

Julho calcina. Lisboa é um enorme braseiro onde a gente perde mais alguma coisa que o chorume das já secas carnes. O proprio osso parece pulverisar-se com este calor horrivel que entorpece todas as energias. Por essas ruas, onde apenas as nesgas de panno cru dos toldos das lojas offerecem uma estreita faixa de sombra, o halito de fornalha que respiramos queima, positivamente. E' horrivel isto, tanto mais que ao insupportavel calor se junta a quasi tão insupportavel pasmaceira. Se ao menos um acontecimento de sensação viesse bulir-nos com os nervos entorpecidos! Mas qual, nem um, para amostra! A politiquice, a desgraçada, antipathica, miseranda politiquice, do dize-tu direi-eu, porque se eu faço tambem tu fizeste — e disse. Ah, é demais, meu Deus, é demais!

Ha quinze dias, entendeu o Monarcha entregar o poder ao sr. Teixeira de Sousa, que para esse fim foi chamado ao Paço. O chefe regenerador aceitou e n'um curto lapso de tempo voltou á regia residencia com a lista dos seus companheiros no gabinete. Parece que estava prevenido para o caso e devia estar. O sr. Teixeira de Sousa é chefe d'um grande partido; tão grande que apesar de muito fraccionado é ainda o segundo nucleo politico do paiz. Constituido o governo reventou logo a tormenta do palanfrorio: os jornaes das varias parcialidades politicas, com excepção da dissidencia progressista, que actualmente acompanha o sr. Teixeira de Sousa que se apresenta com ideias radicaes, cahiram a fundo sobre o chefe do governo. Porque, se nenhum acto elle praticara ainda? Ora, porque! Porque é

nhã de 4, deixando entre nós grandes sympathias. A sua curta estadia não permittiu a realisação de festas ruidosas projectadas. Apenas assistiu ao banquete que o rei de Portugal lhe offereceu no palacio das Necessidades, e tomou parte no jantar e *soirée* da Legação Argentina. Para o banquete do Paço convidára El-Rei o presidente do conselho, ministro dos estrangeiros, ministro e secretario da Argentina, patriarcha de Lisboa, condes de Sabugosa e de Figueiró, vice-almirante Hermenegildo Capello, dignitarios de serviço e officiaes da guarda.

Visita de El-Rei ao Lyceu Camões



Os srs. conselheiros Teixeira de Sousa, presidente do conselho, e Magalhães Ramalho, governador civil de Lisboa, aguardando El-Rei

da praxe ralar o bofe ao feliz a quem sae a sorte grande da presidencia do conselho. Este não parece muito afflicto com a guerra da Mangerona conservadora ao Alecrim radical, comquanto as opposições se colligassem para offerecer renhida batalha eleitoral ao governo. Tem a faca e o queijo na mão e sabe muito bem com taes elementos nunca se é vencido. E' ver o que por ahi vae de defeccões. Todos os dias os jornaes registam que taes e taes partidarios do sr. Campos Henriques e taes e taes adeptos do sr. Vasconcellos Porto foram pegar pé ao sr. Teixeira de Sousa. Pudera! E' o sol nascente! E' quem pode dar, e lá diz o outro que quem dá é pae.

Estão marcadas para o fim de agosto as eleições geraes. Ainda não haverá vinho novo, infelizmente para a genuinidade do Suffragio; mas já se comerão magnificas uvas — que são, afinal, vinho em pilulas — e os carneiros, que andam a engordar por essas pastagens, n'essa altura estarão a pedir forno. A urna falará, como se diz nos artigos de fundo com pouca propriedade. Eu direi: a urna arrotará. E nós veremos a quem ella confere a maioria dos seus votos. Aviso aos filhos prodigos da regeneração que se tenham transviado para a hoste henriquina: se tem de voltar á casa paterna, decidam-se antes das eleições. Se não a cerimonia commovente realisar-se-ha sem o sacrificio do melhor cordeiro. Do melhor ou do peor, porque já não haverá raça de tal bicho.

.*.*

Aproveitando a sua estada na Europa e accedendo ao convite de El-Rei o Senhor D. Manuel, o sr. dr. Saenz Peña, presidente eleito da Republica Argentina, visitou officialmente a nossa corte, tendo caracter muito affectuoso a recepção feita ao illustre chefe do Estado por uma grande multidão que acompanhava o elemento official.

Infelizmente foi curta a estada entre nós do sr. Saenz Peña, mal tendo s. ex.^a tempo para o cumprimento das obrigações officiaes em taes circumstancias. Logo apoz á chegada e aos cumprimentos officiaes e apresentações, o sr. Saenz Peña foi ao Paço das Necessidades cumprimentar a El-Rei e á Ajuda apresentar as suas homenagens a Sua Magestade a Rainha Avó. N'essa noite realiso-se o banquete de gala offerecido pelo sr. D. Manuel ao futuro chefe do Estado Argentino, que no dia immediato foi a Cintra cumprimentar a Rainha Senhora D. Amelia, visitando em seguida a Sociedade de Geographia, de que é socio honorario.

O sr. dr. Saenz Peña lamentou não poder demorar-se em Lisboa, como era seu desejo; mas tinha de partir immediatamente afim de estar na Suissa no dia 7, satisfazendo a um convite do governo federal. Conversando com um jornalista, disse o illustre homem de estado ter recebido em toda a parte, na Europa, as maiores provas de carinho e enthusiasmo, que sem duvida constituem a melhor garantia das boas relações internacionaes com o seu paiz.

O sr. dr. Saenz Peña seguiu para Berne no dia 6, tendo uma cordalissima e imponente despedida.

.*.*

Outro argentino illustre, foi, tambem, nosso hospede ultimamente: o dr. Norberto Piñero, que aqui chegou no dia 10 no *Konig Frederick August*, de passagem para Paris. O dr. Piñero, antigo ministro da fazenda, é professor da faculdade de direito, decano da faculdade de philosophia e letras, advogado e jornalista consideradissimo.

O illustre estadista esteve ultimamente em destaque no seu paiz por causa da sua attitudo absolutamente contraria aos grandes armamentos emprehendidos pelo actual governo. O dr. Piñero, que é partidario da paz, foi o estadista escolhido como enviado extraordinario ao Chile para promover e assignar o tratado de arbitragem que aplanou as graves difficuldades surgidas entre as duas republicas.

O dr. Norberto Piñero é uma figura insinuantissima. De uma

grande cultura e trato affabilissimo, deixou uma agradabilissima impressão em todas as pessoas que com elle privaram durante a sua curta estada entre nós.

.*.*

Tanto quanto lh'o permitem as graves occupações do seu alto cargo, o Chefe do Estado tem proseguido em visita aos grandes estabelecimentos officiaes. Ultimamente esteve Sua Magestade no Lyceu Camões, o magnifico instituto de instrucção secundaria dirigido pelo sr. dr. Ruy Telles Palhinha. O Lyceu Camões, que se deve á iniciativa do sr. João Franco, é sem contestação, o mais completo estabelecimento lyceal de Lisboa. O amplo edificio, construido expressamente para esse fim, obedece aos mais rigorosos preceitos pedagogicos e hygienicos. E' verdadeiramente modelar.

Essa visita deixou a melhor impressão no espirito do Chefe do Estado, que não regateou elogios á competencia e zelo do illustre professor que se acha á frente do corpo docente do lyceu Camões.

.*.*

Ainda ha muita gente em Lisboa. Este anno o exodo para os campos e praias tem demorado e parece que não será tão grande como nos annos anteriores. Para isso contribuem manifestamente os graves prejuizos que a fortuna particular ultimamente soffreu, que não foram pequenos.

Mas nem por isso Lisboa offerece maior animação. Alguns theatros que se conservam abertos estão positivamente ás moscas. Morre-se de tédio.

CAMARA LIMA.

A Bulgaria, paiz de roseirae

Cada paiz tem sua flora mais ou menos caracteristica, mais ou menos especial, para a qual concorrem elementos variadissimos, desde a composição geologica e chimica do solo até á situação geographica com todas as derivadas do clima e temperatura.

A existencia de uma determinada planta, de um arbusto ou de uma arvore, é por vezes sufficiente para caracterisar uma região ou uma zona, assim como a ausencia d'esses specimens de flora indica a falta de certas condições climatericas.

E esta differenciação, que por vezes intimamente se relaciona com a fauna local, não se limita apenas ás especies de grande porte, abrange todos os generos e todas as familias, dos bosques aos jardins, sem respeitar formas ou cores.

As orchideas, que crescem liberramente em toda a «região oceanica», nas ilhas que se estendem da India á Nova Hollanda, merecem aos nossos floristas cuidados especiaes, e com ellas uma infinidade de especies botanicas, que só artificialmente se podem obter no nosso meio.

A roseira não está precisamente nos casos de uma planta exotica; em condições medias de temperatura, em terras fundas ou em camadas superficiaes, exposta ao nascente ou ao poente, as suas especies e sub-especies estão disseminadas em extremo; e no emtanto não é a França, caminhando na vanguarda do mundanismo, não é a Belgica, com a sua indole progressivamente industrial, não é a Ita-



Visita de El-Rei ao Lyceu Camões

O Senhor D. Manuel e o reitor do lyceu, dr. Ruy Telles Palhinha, percorrendo o edificio seguidos dos srs. Teixeira de Sousa e de varios estudantes

lia, com a doçura e a inefável paz do seu clima, que produzem mais rosas.

E' uma antiga provincia turca, que o tratado de Berlim de 78 elevou a principado independente, um paiz esquecido na orla do Mar Negro — a Bulgaria.

As ultimas estatisticas mostram-nos que a cultura das rosas se estende por 210 communas do principado agrupadas em 8 districtos.

Os principaes centros de producção são Kézanlik e Karlow; n'estas duas localidades a região dos roseiraes occupa 25 e 30 % do sólo aravel.

A cultura em todo o paiz tem augmentado consideravelmente a partir de 1898, como pode constatar-se,

Annos	Hectares
1898.....	5.153,95
1899.....	5.294,35
1903.....	5.970,56
1904.....	6.584,74
1905.....	7.789,02

No espaço de oito annos a superficie de cultura augmentou 2:500 hectares.

Com uma producção em tão farta escala, é bem de ver que a Bul-

Annos	Flores produzidas (kilos)	Essencia (grammas)
1898.....	6.652:345	1.985:131
1899.....	6.774:464	2.138:889
1903.....	13.020:657	4.070:265
1904.....	13.234:702	4.270:051
1905.....	—	3.541:841

Nos grandes centros bulgaros de Kézanlik e Karlow o commercio da essencia de rosa está repartido entre cinco ou seis grandes commerciantes que se fornecem por sua vez dos pequenos productores.

Quando a colheita é pequena a concorrência que se estabelece entre os negociantes faz desaparecer rapidamente toda a essencia; em annos de muita producção os commerciantes fornecem-se apenas para a venda certa.

Não ha processo scientifico seguro para determinar a *qualidade* da essencia de rosas, pelo que os compradores, na escolha, attendem apenas ao perfume e ao grau de congelação *dérédjé*.

A grande congelação média varia entre 14° e 18°, havendo no entanto essencias que congelam abaixo de 14° e acima de 18°, caso que é pouco frequente.

Em 1905 o grau de congelação de essencia variou entre 12° e 17°.



Visita de El-Rei ao Lyceu Camões
Sua Magestade sahindo do edificio — Estudantes dando vivas

garia não olha apenas ao decorativo, mas visa um fim industrial qual é a preparação da essencia de rosa e da agua de rosas.

A maior ou menor producção da cultura depende de variadas circumstancias, entre as quaes avulta a duração da colheita.

A persistencia d'uma temperatura moderada augmenta a floração e com ella, a colheita; o contrario se dá se o período se limita de 15 a 20 dias.

A média de 22 dias já dá margem a uma colheita razoavel.

A essencia de rosas opera-se por destillação, em alambiques que affectam as primitivas fórmãs e seguem os primitivos processos, na sua grande parte.

Uma mesma installação reúne de 2 a 10 alambiques, agrupamentos que no paiz se denominam *gullapana*.

Em 1905 existiam na Bulgaria 2:798 *gullapana*, abrangendo um total de 13:128 alambiques.

O combustível usado é a madeira. Calculando que cada alambique consome por anno 10 metros cubicos ao preço de 5 francos o metro cubico, a Bulgaria dispendeu, em 1905, 656:400 francos ou quasi 132:000\$000 réis.

As flores produzem mais ou menos essencia, segundo a sua natureza e modo por que se procede á distillação, sendo o rendimento, portanto, extremamente variavel. Em 1905 a quantidade de rosas necessaria para produzir 5 grammas de essencia, variou entre 10 e 32 kilos; o preço do kilo de rosas orçou por 10 centimos (um vintem) a cada 5 grammas de essencia custavam entre 2,30 fr. e 3,20 fr.

A producção comparada tem sido a seguinte:

Ha alguns annos atraz o commercio de essencia de rosa estava monopolisado pelas casas commerciaes de Constantinopla; hoje não succede assim; a essencia passa das mãos dos bulgaros para as perfumarias de Paris, Londres e New-York que depois a espalham pelo mundo inteiro.

E' curioso observar a exportação de essencia de rosa e agua de rosas desde 1886.

Este movimento tem sido o seguinte:

Paizes exportadores	1886 1895		1896 1905	
	Kilos	Perc.	Kilos	Perc.
Austria-Hungria.....	243	8,1 %	48	1,2 %
Inglaterra.....	145	4,8 %	729	17,6 %
Allemanha.....	156	5,2 %	613	15,8 %
Italia.....	3	0,1 %	13	0,3 %
Russia.....	24	0,8 %	156	3,7 %
Estados-Unidos.....	5	0,2 %	788	18,0 %
Turquia.....	549	18,2 %	585	14,0 %
França.....	747	24,8 %	1:235	27,0 %
Outros paizes.....	1:139	37,0 %	23	0,6 %

D'aqui se conclue que no período 1886-1895 a Bulgaria exportou 3:011 kilogrammas de essencia de rosa, no valor de 1.639:854 francos, quasi 328 contos da nossa moeda; essa exportação passou em

1896-1905 para 4:530 kilogrammas, na importância de 2.749:926 francos, ou aproximadamente 530 contos de réis.

A exportação da água de rosas é em menor escala, attingindo no emtanto:

Países importadores	1886-1895		1896-1905	
	Kilos	Perc.	Kilos	Perc.
Inglaterra	—	—	451	0,9 %
Turquia	64:082	96,8 %	47:500	96,7 %
França	2:004	3,0 %	948	2,0 %
Outros países	100	0,2 %	219	0,5 %

A exportação total do período 1886-1895 foi de 66:186 kilos, baixando para 49:148 kilos em 1896-1905, na importância de 13:637 francos; vê-se pois que ao passo que a exportação de essência de rosa augmenta dia a dia, a da água de rosas diminue progressivamente.

Notas de "sport,"

Corridas de rampa para automoveis e motocicletas



O Senhor D. Affonso tendo à direita o sr. J. Lino e à esquerda o presidente do Real Automovel Club

Com uma assistência superior a trinta mil pessoas realisou-se no dia 10, organizada pelo Real Automovel Club, a primeira corrida de rampa para automoveis e motocicletas effectuada no nosso paiz.

A prova teve logar nas faldas na serra de Monsanto, na rampa da Pimenteira, uma rampa íngreme, estreita e cortada por quatro curvas perigosas e difficeis que melhor serviram para evidenciar a pericia dos nossos chauffeurs sempre muito victoriados durante todo percurso, que era de 1.500 metros, pela numerosa assistência.

O premio, a Taça dos Sports Illustrados foi ganho pelo sr. Estecam Fernandes que n'um automovel Brazier, de 35 cavallos, venceu a distancia em dois minutos e dois segundos.



Corridas de rampa para automoveis e motocicletas
O automovel guiado pelo sr. João Dotli Junior corre o risco de se despenhar no sitio mais perigoso



Corridas de rampa para automoveis e motocicletas
Aspecto da serra, onde milhares de espectadores assistiam ás corridas

A esmola

Disse o nababo amoroso:
— «Queres a mim por esposo?
Queres ouro? queres ouro?
Eil-o a teus pés, e eu te adoro!

Oh bella! bella entre as bellas!
Tu a melhor das estrellas,
A mais pura das mulheres,
O que desejas, que queres?

Eu te darei do Levante
As saphyras, o diamante,
O coral que vae surgindo.»

Disse o poeta sorrindo:
— «Eu te dou meu coração!»
E a bella estendeu-lhe a mão.

LUIZ QUIMARÃES.

Em politica, como em medicina, é preciso infinitamente mais talento para evitar os males do que para os curar.

Olivarius.

A mocidade affronta impunemente todas as asperezas da vida, como as creanças dando com a testa contra o angulo de todos os moveis, sem ficarem com uma só cicatriz.

Edm. About.



Corridas de rampa para automoveis e motocicletas
O automovel guiado pelo sr. Henrique Chaves
(Clicks de A. C. Lima).

Assumptos politicos



Conselheiro Manuel Fratel
Actual ministro da justiça

(Cliché de J. Benoit)



General José Nicolau Raposo Botelho
Actual ministro da guerra

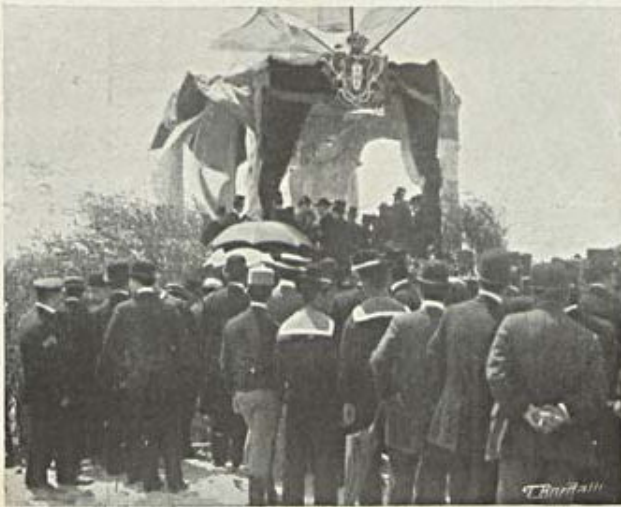


O sr. conselheiro Campos Henriques no Porto

O instantaneo que archivamos n'esta pagina e no qual se veem entre outras pessoas os srs. conselheiro Campos Henriques, Adolpho Pimentel e Costa Braga, representa a partida para Lisboa, em 5 do corrente, do sr. Campos Henriques, que durante alguns dias permaneceu na capital do norte tratando de assumptos eleitoraes referentes á colligação contra o governo da presidencia do sr. conselheiro Teixeira de Sousa. Discursando ali perante os seus amigos, o ex-presidente do conselho foi muito acclamado, sobretudo ao fazer a declaração de ter recusado o convite, que o chefe do governo lhe dirigira, de vir fazer parte do partido actualmente representado no poder.

Em Mattosinhos

**Cerimonia do assentamento da primeira pedra
do edificio destinado á escola de marinheiros**



*Pavilhão onde foi assignado o auto do assentamento
da primeira pedra*

Não podia o Brasil-Portugal deixar de se referir á cerimonia solemne do assentamento da primeira pedra destinada á construção da escola de marinheiros do Porto que em fins de Maio se realizou em Mattosinhos com a assistencia do sr. conselheiro Azevedo Coutinho, ainda então ministro da marinha, do commandante da 3.ª divisão militar, do commandante e officialidade do *Adamastor*, do sr. capitão de fragata Nunes da Silva, commandante da escola de marinheiros e um dos mais brilhantes ornamentos da nossa marinha de guerra, de varias autoridades, pessoas de representação social e muito povo.

A nova escola, segundo o que está projectado, será construida pelos modelos das mais aperfeccionadas da Inglaterra, Estados Unidos e Brasil, onde ha muito foram substituidos os velhos pontões por edificios satisfazendo todas as condições da hygiene e da pedagogia, onde se ministra a mais completa instrução aos individuos que se destinam ao serviço naval, sendo só depois de recebido o ensino preparatorio que esses individuos entram a valer na vida maritima.



*Em Mattosinhos. — Cerimonia do assentamento da primeira pedra
do edificio destinado á escola de marinheiros — Alguns marinheiros
fazendo exercicios gymnasticos.*



*Capitão de fragata Nunes da Silva
Commandante da escola de marinheiros*

Da festa que em Mattosinhos se realizou publica esta Revista alguns instantaneos, fazendo votos para que a construção do edificio siga rapidamente, de fórma a corresponder ao brilhantismo da cerimonia do lançamento da sua primeira pedra e em harmonia com o fim a que se destina.

No local onde foi assente a primeira pedra e encerrado n'um cofre de ferro foi depositado um auto de theor seguinte:

«Auto commemorativo da collocação da primeira pedra para o edificio da Escola de Alunos Marinheiros do Porto no local do Prado, concelho de Mattosinhos. — Aos vinte e dois dias do mez de maio do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1910, pelas 12 horas do dia, n'esta villa de Mattosinhos e local do Prado, onde se encontrava no pavilhão no mesmo local construido, o ex.^{mo} sr. conselheiro João de Azevedo Coutinho, ministro e secretario d'Estado dos negocios da marinha e ultramar, com os ex.^{mos} srs. governa-

dor civil do districto do Porto, vice-presidente da excellentissima camara municipal do Porto, presidente da camara municipal de Mattosinhos, presidente da Associação Commercial do Porto, presidente da Associação Commercial de Mattosinhos, general da divisão, chefe do Departamento Maritimo, commandante da Escola de alumnos marinheiros do Porto, commandante do cruzador *Adamastor*, chefe do Gabinete, secretarios e ajudantes de sua ex.^a o ministro, titulares, autoridades civis e militares e mais pessoas no fim de este auto assignadas e achando-se debaixo de fórma as forças da Escola de alumnos marinheiros e da guarnição do cruzador *Adamastor*, ancorado na doca de Leixões, foi collocada, com as cerimoniaes do estilo em taes actos, depois de benzida por sua ex.^a o senhor padre Antonio Francisco Monteiro, abade de Mattosinhos, a primeira pedra do edificio destinado á instalação da Escola alumnos de marinha do Porto. Do que para constar se lavrou este auto, que vae ser encerrado em um cofre de ferro, este depositado na cavidade para tal fim aberta n'aquella primeira pedra, depois de se ter tirado d'este mesmo auto tres traslados, um para o archivo da Direcção geral do ministerio da marinha; outro para o archivo da camara de Mattosinhos; outro para a secretaria da Escola de alumnos de marinha. Eu Alberto Antonio da Silveira Moreira, servindo de secretario, o subscrevi e tambem assigno.»

Um marido que tem duvidas sobre o procedimento de sua mulher auctorisa os extranhos a julgarem-na mal.

Challes.

Os portugueses nos Estados Unidos da America do Norte

E consolador o exemplo de patriotismo que nos dão as numerosas colonias portuguesas espalhadas pelos paizes estrangeiros e em especial as dos Estados Unidos da America do Norte, onde é grande a concorrência de individuos de todas as raças e de todas as nações.

Emquanto aqui, em Portugal, os partidos se degladiam em nome d'uma politica que nem sempre se identifica com os sagrados interesses do paiz, lá fóra os portugueses unem-se, procuram honrar a patria impondo-se pelo seu trabalho, pelo amor á sua lingua e á sua bandeira, formam associações, fundam jornaes, edificam egrejas, tratam emfim tanto quanto possível de reconstituir uma pequena imagem da terra onde primeiro viram brilhar a luz do sol, onde ouviram as primeiras canções e os primeiros hymnos, onde balbuciaram as primeiras palavras.

Nos Estados Unidos da America do Norte a colonia portugueza é numerosissima. Composta na sua grande maioria de individuos nascidos nos Açores, essa colonia sustenta brilhantemente o nome e as tradições do seu paiz, desenvolvendo notaveis faculdades de trabalho e impondo-se assim á consideração e ao respeito dos naturaes.

Esta pagina do *Brasil-Portugal* é a demonstração evidente do patriotismo, do sentimento religioso e da força de vontade da colonia portugueza da cidade de Providence e constitue uma homenagem d'esta Revista áquelles que tão bem tem sabido honrar o nome de Portugal.

Alem dos retratos d'alguns padres portuguezes que em terras tão distantes pregam a religião catholica mantendo bem viva entre os compatriotas a crença de seus paes, damos um aspecto da igreja de Nossa Senhora do



A igreja portugueza de Nossa Senhora do Rosario na cidade de Providence

actos solemnes da sua religião, officados por um sacerdote da sua patria, convocando para tal fim o reverendo Freitas uma reunião que decorreu animadissima e da qual sahiram as bases para o emprehendimento da obra que constitua o ideal de todos.

Dias depois comprava-se por 3750 dollars um edificio que servira de templo protestante e feitas rapidamente por alguns rapazes da colonia as alterações indispensaveis, foi a igreja benta em 22 de Março de 1885, celebrando se n'esse dia a primeira missa.

Confiada pouco depois, durante tres mezes, desde 8 de Novembro de 1885, a 18 de Fevereiro de 1886, ao reverendo Thomas Elliot, foi n'esta ultima data, constituida já então em parochia independente, commettida definitivamente ao seu actual pastor, reverendo Antonio M. Serpa, havendo n'essa data uma hypotheca de 2500 dollars sobre a propriedade onde estava installada a igreja provisoria.

Em outubro do mesmo anno comprava se por 1.700 dollars um novo lote, que permittia a construção de uma pequena capella para altar-mór e duas sacristias, o que immediatamente se fez, gastando-se mais 1.500 dollars.

No anno immediato, 1887, acrescentava-se o corpo da igreja com 25 pés de comprimento e fazia-se-lhe a fachada com 3.000 dollars.

Em 1888 construia-se o antigo presbyterio por 4.000 e adquiriam-se por 3.000 dollars vasos sagrados, orgão, as indispensaveis alfaias para a igreja, e mobilia para o presbyterio.

Era porém necessario para satisfazer o louvavel patriotismo da colonia portugueza, que esta não só não caminhasse na rectagnarda, mas se salientasse mesmo notavelmente entre as outras por uma pujante manifestação de força e vitalidade, que lhe graugasse ao mes-



Reverendo A. M. Serpa
Pastor da igreja de Nossa Senhora do Rosario de Providence



Reverendo A. G. de S. Neves
Pastor da igreja de S. João Baptista de New Bedford



Reverendo Jorge S. Silveira
Pastor da igreja do Espirito Santo de Fall River



Reverendo M. C. Terra
Pastor da igreja de S. Pedro de Provincetown

Rosario, cuja historia vamos resumir em breves palavras.

Em 1855 residiam em Providence apenas quatro açoreanos chegados pouco antes. Em 1877 este numero elevava-se a cerca de quatrocentos portuguezes a quem o reverendo Antonio M. Freitas pregava o evangelho servindo-se para esse fim d'uma das salas da escola parochial de S. José. As cousas assim foram caminhando até que em 1885, elevado já o numero dos nossos compatriotas a perto de setecentos, se começou a pensar na edificação d'uma capella onde todos pudessem assistir aos

mo tempo com justiça o respeito e a admiração dos nacionaes americanos.

Já não a satisfazia pois uma pequena igreja de madeira. Querria-se uma igreja em fórma, uma igreja de pedra, que não só melhor satisfizesse ás necessidades da colonia, sempre em progressivo augmento, mas que fosse um monumento a attestar aos vindouros, para seu estimulo e exemplo, a fé e piedade da presente geração portugueza.

E assim, em Maio de 1892 comprava-se o terreno em que devia edificar-se a nova igreja. E em Dezembro de 1896 o lote contiguo para construção

Ourivesaria portugueza



Centro D. João V e chaleira estilo Luiz XVI
(Confecção da ourivesaria Reis, do Porto)

Os formosos e artisticos exemplares que illustram esta pagina mostram a evidencia o alto grau a que subiu em Portugal a arte da ourivesaria. Confeccionados na casa Reis, do Porto, vêm elles augmentar e engrandecer a galeria de artefactos preciosos que tanto lustre e brilho tem dado a essa acreditada casa portuense. O rigor do estylo, os encantos do lavor, a elegancia da fórma, todos os requisitos necessarios para que uma arte fulgure com todo o seu brilho, se congregam e completam n'essas admiraveis obras de ourivesaria, que, se é possivel, mais alargam e desenvolvem a fama justa que goza no paiz a casa Reis, do Porto.

do actual presbyterio. Em 12 de Setembro de 1897 benzia-se a pedra angular, e em 6 de Março seguinte tinha lugar a benção, seguida de missa solemne, dos baixos do edificio, onde deviam ce-lebrar-se até hoje os officios divinos.

Em Setembro do mesmo anno, 1898, principiava a construcção do novo presbyterio, e em Abril de 1903, em seguida a um notavel bazar, encetavam-se as obras da parte superior do bello templo que a nossa gravura representa.

Em 1903, n'um ultimo e heroico esforço, le-vou-se a effeito um novo bazar, cujo producto liquido, superior a 4.000 dollars, jámais fôra at-tingido em analogo certame promovido até en-tão, nem até hoje por qualquer corporação por-tugueza nos Estados Unidos. Memoria d'esse es-plendida festa é a vidraça maior da frontaria do edificio, dedicada á meza que n'ella mais se distinguia (ilha do Fayal).

Logo a seguir, a convite do reverendo Serpa, em menos de dois mezes estavam inscriptos os generosos bemfeitores, que, n'uma santa emula-ção, disputavam o encargo de custear as restan-tes dez vidraças maiores do edificio, e as qua-torze estações da Via Sacra e finalmente em 1906 era inaugurada solememente a igreja portu-gueza de Nossa Senhora do Rosario na cidade de Providence com a assistencia do venerando Bispo de Trajanopolis, D. Henrique da Silva.

A igreja portugueza de N. S.ª do Rosario de Providence, R. I., situada na esquina das ruas

Pike e Traverse, com a entrada principal para esta ultima, confina pelo poente com a rua Benefit, e pelo norte com o presbyterio, e occupa o es-paço de 9880 pés quadrados, medindo 130 pés de comprimento por 76 de largura.

Foi delineada pelos architectos Murphy and Hindle, e construida pela empreza contractadora Wm. Gilbain Bros.

Toda de boa pedra facetada, é um dos edificios do seu genero na ci-dade de mais bella apparencia.

Sob uma grande e bella janella ogival, tres portadas na frente dão accesso para o interior da igreja, para as quaes se sobe por uma larga escadaria de granito. Ao lado elevam-se duas elegantes torres.

O interior é dividido em tres naves, medindo de comprimento, não incluindo o portico, até á grade da capella mór, 96 pés por 62 de largu-ra, podendo comportar assentadas mil pessoas.

O bello arco da capella-mór, em elegante ogiva, bem como os das columnnatas que dividem as naves do edificio, foram estucados e decora-dos pelo J. Castagnoli, artista italiano. O resto do interior do edificio foi estucado pelo portuguez Manuel M. Gouvêa.

Todo o trabalho de carpinteiro, incluindo a bancada, foi executado sob a direcção do habil artista portuguez Antonio J. Leal, que tambem delineou e executou os tres bellos altares, dedicados, o principal ao San-tissimo Sacramento, o do lado do Evangelho ao Sagrado Coração de Je-sus, e o do lado da epistola a N. S.ª do Rosario.

Decorou e dourou os altares e imagens o sr. J. B. Palizza, artista ita-liano.

Os bellos vitraes das dez janellas lateraes maiores representam os da esquerda os cinco mysterios gososos do Rosario, e os da direita os cinco gloriosos, e foram todos generosamente offerecidos por membros da con-gregação.

A VOLTA

Sou eu. Abre-me a porta e dá-me abrigo...
Eis-me! Estou vivo, oh, meu amor!
Pude esmagar tamanha dôr!
Então? Bem vês: sou eu, teu doce amigo!

Não mais te hei de deixar, pallida flôr!
Sorris? Não crês no que te digo?
Aonde vás irei contigo,
E tu comigo irás aonde eu fôr!

Ainda os olhos meus humidos tenho...
Mas enxuga-os hoje venho
À luz serena e mágica dos teus.

Nunca mais viveremos solitarios,
E até dos nossos dicionarios
Suprimemos a palavra «Adeus».

Arthur d'Almeida.

Ourivesaria portugueza



Prato para doce, esylo mosarabe
(Confecção da ourivesaria Reis, do Porto)

A cidade do Funchal

É a capital da ilha da Madeira e do districto administrativo do Funchal que comprehende todas as ilhas do archipelago — Madeira, Porto Santo, Deserta e Selvagens.

A cidade divide-se em quatro freguezias — Santa Luzia, Santa Maria Maior, S. Pedro e Nossa Senhora da Assumpção, sendo a sua população total de 21.037 habitantes segundo o censo de 1900. Está situada na costa meridional da ilha, entre o cabo Garajau e a ponta da Cruz, á beira mar, parte no dorso d'un monte coroado pelo castello do Pico de S. João e a outra parte n'um valle lindissimo, banhado pelas aguas da bahia.

A povoação do Funchal foi fundada por João Gonçalves Zarco, um dos descobridores da Madeira e teve esse nome devido á grande quantidade de funchos que se encontravam no sitio onde foi edificada. Simples povoação nos seus principios, desenvolveu-se rapidamente, sendo em 1451 elevada á categoria de villa por D. Affonso V que lhe deu foral ampliado em 1472. Em 1508 D. Manuel elevou-a a cidade e em 1514 a sede episcopal, sendo creada metropolitana pelo papa Clemente VII no anno de 1537.

A rapida prosperidade do Funchal attrahiu sobre a cidade, em 3 de

os do Bom Jesus, da Encarnação e o das Mercês, mais conhecido pelo das Capuchas. N'estes conventos faziam-se trabalhos admiraveis — flores artificiaes, de cera e pennas, doces, etc.

Das egrejas, em numero de dezenove, são dignas de menção as de S. Pedro e Santa Luzia, além da Sé, de que já tratámos. Merece tambem citar-se a capella das Almas, aberta na rocha.

São importantes muitos outros edificios, taes como o palacio do governador, paço episcopal, seminário, quartel de S. João, a alfandega, o hospital militar e o hospicio chamado da princeza Amelia, fundado pela imperatriz duqueza de Bragança em memoria de sua filha, fallecida no Funchal em 1853. O edificio e o jardim, no centro do qual está collocado, foi tudo delineado por Maximiliano, imperador do Mexico, quando era ainda archiduque.

Entre as construcções antigas merecem registo o Granel do Poço, onde se diz que viveu Christovão Colombo e duas janellas gothicas na rua da Boa Viagem.

No Funchal ha uma bibliotheca municipal, varios estabelecimentos de leitura, clubs, sociedades de recreio, associação commercial, tres capellas e dois cemiterios protestantes, uma synagoga e um pequeno cemiterio para judeus, varios hoteis portuguezes e inglezes, consulados de quasi todas as nações, fabricas diversas, etc.

Os arrabaldes da cidade são afamados pela sua formosura e pela amenidade do seu clima. Os inglezes, que sempre se distinguiram pelo seu apreço a esta ilha, possuem n'ella algumas vivendas sumptuosas.

A cidade do Funchal



Vista geral da cidade

Outubro de 1566, um bando de piratas francezes que a accometteram, saqueando a e levando comsigo valores calculados em mais de 200 contos de réis.

No porto do Funchal podem fundear dez ou doze navios abrigados de todos os ventos menos dos do sul e protegidos pelo *Ilheu* artilhado que juntamente com uma cortina de dez fortins e o castello de S. João defendem a cidade e a bahia.

A cidade possui numerosas ruas, travessas e calçadas que, apesar de estreitas, apresentam um aspecto muito limpo e agradável. Muitas d'ellas teem pelo centro pequenos regatos que muito contribuem para o seu asseio. Tem oito pontes que põem em comunicação as margens das tres ribeiras que a cortam em toda a sua extensão e que são denominadas de João Gomes, Santa Luzia e de S. Pedro.

São dignos de menção muitos dos edificios publicos do Funchal.

A Sé, fundada no tempo de D. Manuel, é um vasto templo de trez naves, de architectura gothica, contendo dez capellas com trabalhos magnificos de talha dourada. As paredes são revestidas de marmore e o tecto é de madeira de cedro com relevos de talha.

Dos antigos conventos o mais notavel é o de Santa Clara, da ordem de S. Francisco, fundado por João Gonçalves Zarco. Alem d'este temos

A M. C.

Poz-te Deus sobre a fronte a mão piedosa!
O que fada o poeta e o soldado
Volveu a ti o olhar, de amor velado,
E disse-te: «Vae, filha, sê formosa!»

E tu, descendo na onda harmoniosa,
Poisaste n'este solo angustiado,
Estrella envolta n'um clarão sagrado,
Do teu limpido olhar na luz radiosa...

Mas eu... posso ao acaso merecer-te?
Deu-te o Senhor, mulher! o que é vedado,
Anjo! deu-te o Senhor um mundo á parte.

E a mim, a quem deu olhos para ver-te,
Sem poder mais... a mim o que me ha dado?
Voz, que te cante, e uma alma para amar-te!

ANTHERO DO QUENTAL.

AS ABELHAS

A domesticação dos animais de que a apicultura pôde considerar-se um caso particular, é praticada pelo homem desde a mais remota antiguidade, e tem sido successivamente aperfeiçoada em resultado do progressivo desenvolvimento da sciencia.

O homem, passado o periodo inicial de lucta contra os animais que o perseguiram e incomodavam, e sentindo incerto o producto da caça que, por perseguida, aprendeu a fugir-lhe, foi obrigado, para satisfazer as necessidades inadiaveis da sua alimentação, a conservar captivos certos animais cuja utilidade descobriu; d'aqui o domestica-os pela reprodução das especies captivas, mais ou menos restrictamente, conforme a sua adaptabilidade.

O animal domestico, vivendo em condições diferentes das previstas

fome pela expoliação completa da reserva de mel, o homem fornece-lhes, ao contrario, alimentação artificial, se a natural é deficiente.

O rapido exame que dos aperfeiçoamentos apícolas deixamos esboçado justifica bem o paralelo que atrás fizemos.

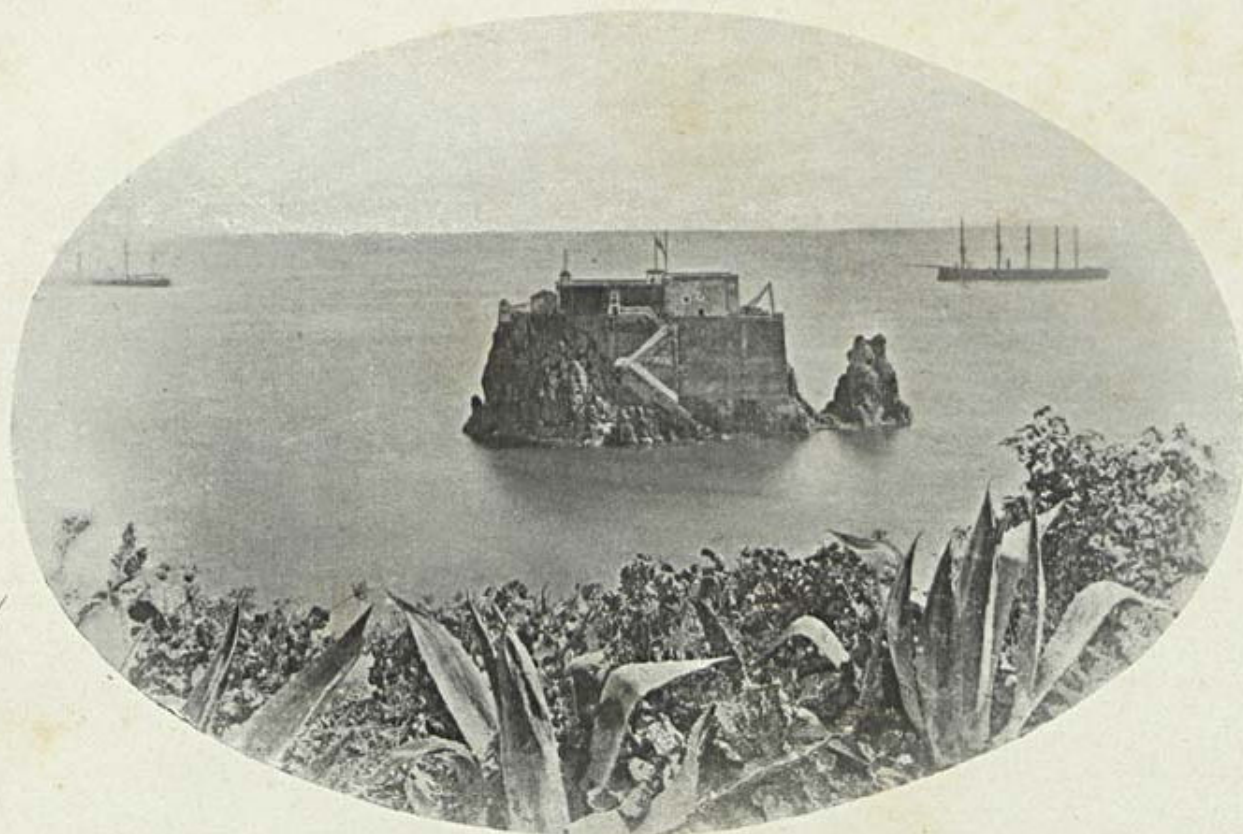
Se é facto, porém, que a apicultura, que comprehende a instalação e tratamento das abelhas, tem feito notaveis progressos, não é menos certo que o assumpto não é tão geralmente conhecido entre nós como convém e é necessario para a prosperidade agricola, principal base, a nosso vêr, da riqueza do paiz.

A' abelha, esse pequeno insecto, symbolo da ordem e do trabalho, pôde applicar-se a adivinha popular: «todos o vêem e ninguém o adora», accrescentando: «porque poucos o conhecem».

E, na verdade, além da cera e do mel cujas vantagens todos apreciam, produz a abelha taes beneficios á agricultura, que a tornam erêdora de um verdadeiro culto.

Apesar de imperfeitamente estudadas, ou talvez por isso mesmo, figuram as abelhas na tradição com caracter mais ou menos religioso.

Assim, na mythologia vedica, os deuses Indra, Krishna e Vichnu são



A cidade do Funchal. — A Pontinha — Ilheu artilhado

pela natureza, carece de cuidados especiaes de instalação para compensar essa alteração d'habitos.

O boi, por exemplo, no estado selvagem viajaria continuamente, usando do instinto para procurar a temperatura e pastagem que lhe couvesse. Por isso a estabulação tem de copiar quanto possivel essas circumstancias naturaes, e n'alguns paizes, na Hollanda, entre outros, attinge esmeros que nos surpreendem pelo desusado entre nós.

Estes estabulos hollandezes estão para o primitivo n'uma relação identica á da habitação actual para a caverna do troglodyta, ou como a colmeia brava em toca d'arvore ou rochedo para a moderna colmeia movel.

Os processos apícolas teem seguido um aperfeiçoamento semelhante; o homem começou por colher o mel e a cera encontrados por acaso, e para isso fazia como ainda hoje, o selvagem, destruia as abelhas para aproveitar-lhes os productos.

Mais tarde aprendeu a capturar os enxames e collocou-os junto da sua habitação em instalações successivamente melhoradas, feitas de cascas d'arvores, barro, palha, etc., fazendo todavia a colheita por processos barbaros, destruidores dos enxames.

Por fim, actualmente, as abelhas possuem habitações esmeradamente feitas e abrigadas, e em vez de as matar na occasião da cresta, ou á

comparados ás abelhas e Krishna é representado com uma abelha azul sobre a fronte.

Na lenda de Ibrahim Ibu Edhem fala-se de uma abelha que recolhia as migalhas da mesa para as levar a um cego.

As nymphas que crearam Jupiter chamavam-se — melissas.

Na mythologia finlandeza pede-se á abelha que vôle por cima do sol e da lua até chegar á casa de Deus para trazer o mel que cura as feridas do ferro e do fogo.

Na Suissa é creença popular que as almas dos homens voltam ao mundo transformadas em abelhas.

Deixando estas citações de pura curiosidade, vamos fazer outras de interesse real e que todas se harmonisam, para evidenciar aos espiritos os mais rudes, os enormes beneficios que as abelhas causam.

Queremos referir-nos á acção que exercem na fecundação das plantas as mais diversas: arvores fructíferas, cereaes, vinhas, prados, etc.

No reino de Saxe, em alguns districtos, cultivam principalmente trigo, destinado a ser vendido para semente por preços elevadissimos; todos os lavradores possuem colmeias, e conhecem tão bem a sua influencia sobre a fecundação que, em vez de as terem fixas, como se usa geralmente, transportam-as em carros para o meio dos campos na época da floração dos trigos.

Um cura de Ninville (França) possuía n'um quintal trinta arvores que nunca lhe tinham produzido fructa aproveitavel, apesar de ter empregado no seu tratamento todos os cuidados possiveis.

Por acaso collocou algumas colmeias no quintal, e calcule-se a sua admiração ao vér que as arvores produziam enorme quantidade de fructa.

Na Australia cultivavam algumas especies de trevo, que florescia bem sem produzir semente; lembraram-se de instalar colmeias, e immediatamente o trevo começou a produzir sementes.

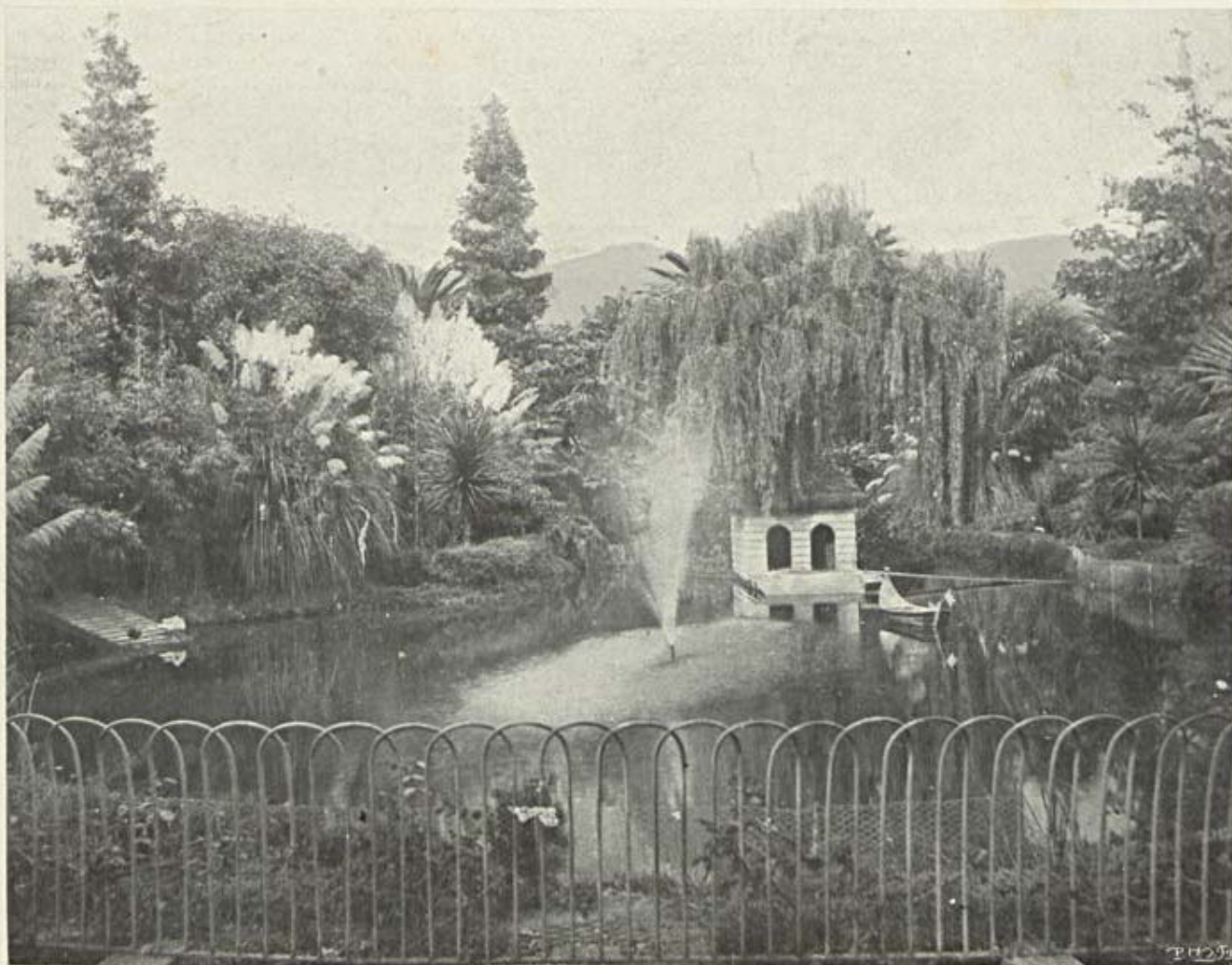
Na California exploram em grande escala a cultura d'arvores fructíferas, e para assegurar a fecundação das flores collocam colmeias nos pomares.

exemplo sobre uma arvore de fructa, cobre um ou mais ramos, antes do desabrochar das flores; mais tarde verá que esse ramo ou ramos em que as abelhas não puderam tocar produz pouca ou nenhuma fructa, comparativamente com os outros.

Facilmente se comprehende a fórma por que a abelha fecunda as flores; ella tem, para colher o nectar, de introduzir-se nas corollas, e assim transporta o pollen de umas para as outras.

N'algumas a disposição é tal que sem a intervenção da abelha a fecundação não poderia dar-se.

Assim Darwin cita o *Coryantes macrantha* (orchidea) cujo labello é cavado em fórma de sacco profundo, onde cahem continuamente gottas d'agua quasi pura, segregada por dois pequenos tubos collocados supe-



A cidade do Funchal. — Um trecho do jardim publico

Na Nova Zelandia e ilhas Galapagos, onde os insectos escasseiam, repete-se essa falta sobre a flora que é pouco variada e deficientemente productora.

Um grande numero de observações feitas nas vinhas collocadas proximo de colmeias demonstram tambem a influencia d'estas na melhor produção.

Encontra-se nos tratados de apicultura, citada a experiencia de Darwin, que corrobora os factos precedentes por uma fórma mais rigorosa e scientifica. Este sabio semeou proximo de um colmeal trevo e colza, envolveu algumas das plantas em cambráia por forma a impedir o accesso ás abelhas.

Quando as sementes estavam maduras colheu igual numero de capsulas das plantas abrigadas e das que o não estavam, e notou que as expostas ás abelhas apresentavam sementes mais graúdas e 50 a 60 % mais numerosas que as abrigadas.

Darwin notou mais que o trevo onde as abelhas tinham pousado continuava crescendo depois do desabrochar das flores e o outro não.

Estas experiencias, executadas em annos successivos, deram sempre identicos resultados, o que as torna indiscutíveis.

Póde qualquer pessoa repetir-as facilmente; para isso, operando por

riormente; quando está meio cheio esta agua sae por uma gotteira lateral.

A base do labello fica por cima do sacco e tem uma cavidade a que dão accesso duas aberturas lateraes, existindo n'essa cavidade umas curiosas excrecencias carnosas.

As abelhas vão roer estas excrecencias e cahem frequentemente no sacco onde molham as azas, o que as impossibilita de voar, forçando as a sahir pela gotteira; a passagem é estreita, a columna em fórma de abobada, d'onde resulta que a abelha leva adherentes as massas polinicas que, tocando no estigma d'outra flor, ou da mesma, adherem fecundando-a.

Conclue se d'estas observações que o liquido existente no sacco, as carnosidades da base do labello, etc., estão adrede dispostos para forçar a abelha a fazer a fecundação.

Tanto n'este caso como em muitos outros nota-se tal harmonia entre as disposições das flores e os órgãos e habitos dos insectos, que mal se póde conjecturar se a flor foi talhada para o insecto, se este para aquella.

A abelha torna-se util á agricultura ainda por outra fórma, oppondo-se á multiplicação de insectos nocivos, taes como o pulgão do colza, o gorgulho das macieiras, etc.



Flor de orquídea, com uma abelha pousada no labello. — Duas cabeças d'abelha com as massas polínicas em duas posições diferentes

Este ultimo, o *anthonomus pomorum*, coleoptero rhynchophoro, familia dos eurenionídeos, ataca as flores das macieiras, causando por vezes, nas regiões onde esta cultura é feita em grande escala, como na Normandia (França), consideráveis prejuizos.

O *anthonomo*, ou gorgulho, deposita os ovos no interior da flor em botão, e a larva, protegida pelas pétalas imbricadas, devora os estames e o pistillo.

Durante o verão o insecto vive sobre as folhas, e picando-as com a tromba, suga-as para se alimentar; vôa bem, mas fixa-se mal sobre a folha.

E' a pouca adherencia d'elle á arvore que, ao que parece, facilita a sua parcial destruição pelas abelhas, que adejando o fazem cair das flores na occasião da postura.

Para dar uma ideia approximada do papel que as abelhas desempenham na fecundação das flores citaremos os seguintes numeros, fructo da inexgotavel paciencia dos estatísticos:

Uma abelha pausa, termo médio, em 250 flores por hora, trabalha oito horas por dia e suga 218:750 flores para produzir uma onça de mel.

Cada colmeia movel tem normalmente uma população de 50 a 80:000 individuos, e cada cortiço de 8 a 15:000; calcule-se por estes numeros a acção das colmeias sobre os campos vizinhos, notando que as abelhas se estendem n'um circulo de dois a tres kilometros de raio em torno do colmeial.

Não é exclusivamente á abelha que cabe a importante função de transportar o pollen de flor em flor, dando origem ao mysterioso phenomeno da fecundação; tem por collaboradores outros insectos, o vento, etc.; nenhum d'elles, porém, possui cumulativamente a preciosa faculdade de elaborar, grat's, para maior merito, productos tão valiosos e immediatamente utilisaveis, como são a cera e o mel.

E' um pequeno hospede que paga, e bem, os poucos cuidados que exige.

A titulo de curiosidade, e n'uma outra ordem de ideias, mencionaremos que as abelhas teem sido, por vezes, empregadas como arma, original, é certo, mas efficaz em algumas occasiões.

Assim, conta-se que a mulher de um colono americano, tendo a casa,



1) — Ramo de macieira florido, onde as abelhas estão colhendo o mel. — 2) Gorgulho no estado de lagarta. — 3) Gorgulho no estado de nympha — 4) Gorgulho da macieira

na ausencia do marido, sido atacada pelos indios, lembrou-se de lançar sobre elles cortiços de abelhas, o que os fez fugir a toda a pressa.

Um pequeno navio corsario, com quarenta a cincoenta homens, era perseguido por um navio turco de quatrocentos a quinhentos homens; vendo que não lhe podia escapar, approximou-se e lançou-lhe uma porção de colmeias de barro que tinha a bordo. Os turecos, que não contavam com esta forma de ataque, de que não podiam defender-se, foram facilmente subjugados pelos corsarios que se tinham prevenido com luvas e mascaras.

Os sitiados em Tanly e Albela-Grega guarneceram as brechas com colmeias e os assaltantes não puderam entrar.

Já houve quem pensasse em empregar as abelhas no transporte de correspondencias á semilhança dos pombos viajantes, obtendo resultados curiosos, á custa de pacientissimos trabalhos.

Para não nos tornarmos fastidiosos com citações numerosas terminaremos esta parte do estudo dizendo que a todos, mesmo a quem só disponha de uma simples varanda, convém dedicar-se á criação das abelhas; será util a si proprio pelo lucro

Festas populares e religiosas

A romaria de S. Torquato



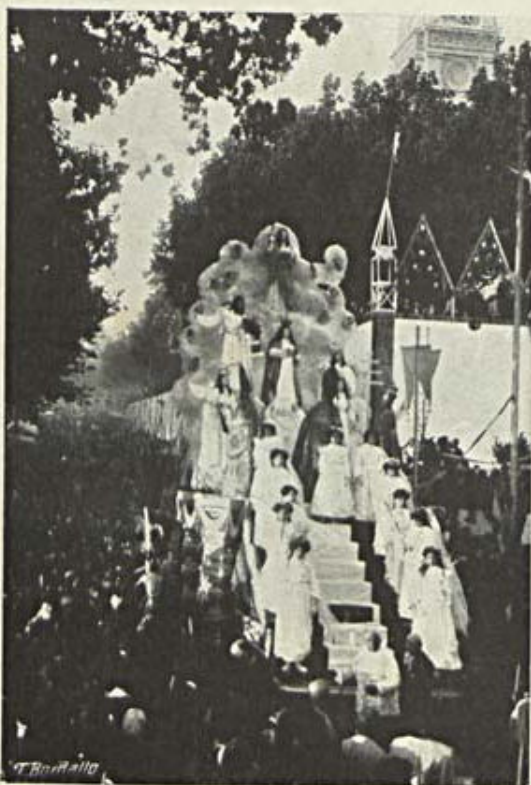
A romaria de S. Torquato que annualmente se realiza no primeiro domingo de julho na freguezia d'aquelle nome, a uns 5 kilometros da cidade de Guimarães, é uma das maiores que se effectuam no nosso paiz e sem duvida a mais concorrida do norte, pois costuma attrahir cerca de vinte mil pessoas.

Este anno despertou o maior entusiasmo, tendo sido grande o movimento dos comboios conduzindoromeiros que em grandes magotes atravessavam a cidade em direcção ao local onde se realisava a festividade. A festa constou de arraial diurno e nocturno, fogo de vista e illuminações, missa campal e d'uma grande procissão, da qual publicamos n'esta pagina alguns instantaneos.



A romaria de S. Torquato

Devotos em volta da igreja cumprindo promessas



A romaria de S. Torquato
Um aspecto da procissão de S. Torquato

que d'ellas obtiver, e beneficiará as culturas circumvizinhas. Não ha inconveniente em ter as abelhas proximo das habitações, porque se acostumam á visinhança do homem e não atacam; apenas se deverá cuidadosamente evitar o irritar-as com movimentos ou ruidos insolitos, porque irritadas são muito perigosas.

Onde houver creanças é indispensavel collocar-as em sitio onde ellas não possam perturbal-as.

No harem

O sol sumira-se por detrás dos tesos alcantilados do horizonte. Sobre o cariz do sol moribundo desenhavam-se tristes as silhuetas do velho aqueducto romano e das almadenas das mesquitas; e os minarêtes dourados rebrilhavam illuminados pela lua cheia. No ar pairava o aroma quente das laranjeiras e dos limoeiros; ao longe, saudosas, as noras gemiam; das almadenas os muezzins chamavam á oração.

A cidade descansava. Após longos annos de guerra santa, do aldjihed, os arabes iam gozar pela primeira vez uma noite de socego, sem as inquietações das investidas dos christãos e os gritos de vigia dos almenares. Tinham de posto finalmente as compridas lanças, voltando aos affectos da familia, á tranquillidade do lar, estada n'uma fervorosa crença, e rezando á noitinha muitos devotos, voltados na direcção da santa Kaaba.

O sol morrera e a lua subira esplendorosa prateando o Guadalquivir e os lagos dos jardins phantasticos do kalifa, accendendo reflexos d'ouro nas cupulas dos palacios e fazendo alvejar os turbantes dos raros transeuntes.

Do Azzhrat, por entre as janellas em arco, sae a luz a jorros, de mistura com gargalhadas finas e sons despedaçados d'um mimoso arrabil.

O palacio estava em festa. Pela primeira vez no seu reinado o kalifa Abdurraman gozava um dia de paz. Reclinado no seu almatrah, no alto do throno, calçado sobre successivas victorias e milhares de victimas, sentia-se orgulhoso.

O seu nome enchia as Espanhas; os mosarabes prostravam-se em adoração ao vê-lo, e os christãos sentiam tremer-lhes nas mãos o Evangelho, ao ouvir o grito:

— Abdurraman! Allah-ub-Abar!

A igreja christã, aos embates do Crescente, saudado como o emblema da victoria, ia ruindo pelos alicerces; e impetuosa, vencedora, a lei de Mafoa estendia-se pela Andaluzia, o Alcorão era o livro por excellencia.

Das provincias os walis mandavam mensageiros assegurando a prosperidade e submissão, que por toda a parte reinava.

N'aquella noite, antes das danças das odaliscas, os mensageiros tinham-se prostrado, de braços em cruz, rendendo-lhe graças pela sua ultima victoria. E orgulhoso, agradecido a Allah, o kalifa viu desfilar por entre a multidão de fakres, de wasires do grande diwan, de kayids, os nubios de turbantes amarelos e aljarabias de ramagens claras, nas orellhas grandes argolas, com os despojos preciosos em ricas almofadas de brocado e oiro.

E em seguida começara a festa.

Um mouro de olhar obliquo, um épico mercenario, desenrolou longas folhas de pergaminho e inflamado len o Kassideh, a longa ode de louvor ao grande iman.

Depois começaram as danças das concubinas; e os grandes funcionarios, kathebs e ricos mercadores de tapeçarias orientas, que em caravanas atravessavam a Arabia e a Libia, de Bagdad a Gibraltar, portadores de pannos de Raz e de planos de conspirações saugrentas como a que destronara os abassidas — e os convivas tomavam logar em volta do lago cristalino que refrescava a vasta quadra, de pernas encruzadas sobre os tijollos pretos e vermelhos, jogando o xadrez sobre caixas de tamaras.

Ao lado do kalifa uma escrava gentil coifava-lhe a barba negra e aliava-lhe com os dedos finos a testa, que longas batalhas, surpresas de conspirações tenebrosas e dissensões palacianas, tinham enrugado.

Deitados nos degraus do throno, os nubios esperavam, um, olhando vagamente o tremeluzir das vélas dos lampadarios dourados e ramificados em angulos rectos; outro fitando nostalgico os pannos de Raz, suspensos nas paredes, que lhe figuravam com saudade os palmares livres do seu deserto, o crepitar do lume á noite, n'uma clareira, e por entre sustos, o grito arripiador:

— Os arabes!

De quando em quando o seu olhar encontra o de Ayecha, a favorita do soberano, e timido baixa os olhos, e vae mirando as curvas deliciosas d'esse corpo divinal, que o leve tiraz mal encobre. A's portas moiros de pelle tsnada guardam; nas laminas compridas das lanças as vélas põem scintillações irrequietas.

Nas egrejas christãs os sinos tinham batido lentamente doze horas; ao alto a lua branquejava a cidade. Apenas os vigias da alcacova gritavam as vozes d'alerta e nas termas as aguas cahiam cristalinamente nas longas tinas de marmore.

O palacio dormia; findara a festa.

Um vulto negro atravessou rapidamente o longo corredor de tijollos, escassamente illuminado por uma véla fumarenta, correu um brocado, fez um gesto de intelligencia ao eunuco, meio adormecido, e penetrou no harem.

Com o coração oppresso e as pupillas dilatadas olhou. Por sobre os divans as concubinas dormiam, meio despidas, com os seios nus, e os cabellos soltos tombando em ondas negras sobre o collo sensual.



A romaria de S. Torquato

Andor que figurou na procissão representando a entrada de S. Torquato em Braga

(Cliché de C. P. Pedrosa — Foz do Douro).

Com passo subtil atravessou o harem e espreitou por cima de um biombo. Ninguém.

Susteve um pequeno grito e voltando, perguntou ao eunuco, meio adormecido:

— Ayecha?

— Ayecha? — repetiu o outro, estremunhado, e esfregando os olhos.

— Sim, pelo santo idolo, pelos nossos palmares distantes, Ayecha?

— Não veio. O sultão...

— Ah! — fez o outro, tapando-lhe a bôca, n'um tremor convulso, espumante de ciúme. E correu o mesmo reposteiro, afastando-se lenta-

As festas de verão na cidade do Porto



Os bombeiros municipais do Porto fazendo exercícos

eu sem já poder mergulhar n'esses teus olhos lípidos e serenos como o céu em dia de sol, os meus embaciados; sem já poder unir a minha á tua bocca vermelha, como um fruto de oiticy, até que eu seja encerrado no camocim entre folhas séccas.

— Niorat, tu falas como um mensageiro d'Iverandec; quero ser a tua estrella-morta. E d'aqui a tres luas, Ayecha saboreando o cariman terá saudades de ti.

Assim se tinham amado.

Niorat offereceu-lhe a manilha do braço esquerdo e separaram-se.

Pouco tempo depois o émir da cavallaria arabe, de passagem para a Hespanha, arrebanhava as virgens, segundo ordem do todo poderoso Abdurraman, que opprimido pelo remorso da morte de seu filho Abdallah, suspeito de traidor, queria suffocar esses rebates de consciencia nos seios tumidos das virgens etiopes, arrancadas aos leitos, quando sonhavam com os noivos, sorrindo deliciosamente.

Ayecha foi das raptadas; e soluçando despedira o ultimo adeus ao pae moribundo, que a defendera, e beijara em lagrimas a manilha, recordação d'amor d'esse bom Niorat que conhecera nas bodas de Araken.

Soffreram muito. Elle empunhou a niraçaba e debateu-se como um tigre, invocando os idolos e a estrella-morta, a saudosa Ayecha. Odiou o albornoz e o Crescente.

E de noite, rastejando por entre as palmeiras como uma serpente, apunhalava os atalaias, e penetrava no campo arabe. Mas em breve o grito de alarme o obrigava a fugir prèsto, occultando-se por entre a ramagem de uma palmeira e vendo lá do alto os arabes, com archotes, remexendo o mato. Inutil. O poderoso Iverandec protegia-o e no céu rebrilhava serena e fixa a suave-estrella-morta.

Voltou a tentar introduzir-se no campo inimigo. Entrou, avançou, ia forçar a tenda do émir, quando reboou o grito de alarme. Mas internara-se demais no campo e na fuga foi surpreendido por dois atalaias de lança em riste. Levado á presença do émir, manietado, prostrou-se com humidade.

— Todo poderoso e justiceiro, Albarr; o teu nome enche a Ethiopia, o sangue dos teus vencidos tingiu o Mar Roxo e enlutou a Nubia; Albarr, tu és grande, ouve-me:

Niorat nasceu n'estes palmares, onde o leão rugiu, arrebellando a grenha e o gará canta ao cahir do sol; Niorat navegou no Mar Roxo pela monção, num junco de pesca, encorajado á partida pelos cantos de exhortação das virgens, na praia, que o mar em ondas de escumilha vem lambar, humilde e amoroso...

Uma noite, em que o gará cantava e o leão dormia na gruta, Niorat veio offerecer a Araken os bolos de mel, e a farinha d'agua. Em volta do lume, os guerreiros descansavam sobre as armas, e em roda d'elles,



As festas de verão no Porto. — O Principe Real Senhor D. Affonso assistindo ao exercicio de bombeiros



As festas de verão no Porto. — Sua Alteza o Senhor D. Affonso trocando impressões com o inspector dos incendios

as virgens e os mancebos louvavam o todo poderoso Iverandec.

N'essa noite amei Ayecha, amor que é a minha vida, doçura d'olhos que é a minha esperanza; ella era linda como o céu avermelhado pelo sol, quando surge d'entre os palmares, saudado pelos garás; ella era bella como um crautá em flor no mez das lareiras, quando os nossos guerreiros sabem á caça dos graonys. A sua voz era um cantico; os seus cabellos eram escuros, fartos e revoltos como o Mar Roxo, em noite de nuvens. Eu amei Ayecha, poderoso Albarr, e Ayecha amou Niorat.

Mas uma tarde que en sahira com outros mancebos em juncos de pesca, tu m'a levaste. E á volta na praia, só o mar em escumilha beijando a areia. Nem as virgens saudavam os recém-chegados; os crautás tinham murchado e os garás emudecido.

Tu levaste-nos as virgens e entre ellas a minha Ayecha, meu bem!

— Escravo, onvi teu destino. Ayecha está pura.

— Por Allah?

— Por Allah! Tu vaes para Cordova. Que o mui alto e poderoso kalifa, representante na terra de Mahomet, o enviado de Deus, decida da tua sorte. Mas que ella te não veja, senão morrerão ambos; juras?

— Por Iverandec!

(Continúa.)

FIDELINO DE FIGUEIREDO.



As festas de verão no Porto
A ornamentação do Club dos Fenianos

THEATROS

Rua dos Condes. O Sr. Doutor, operetta de costumes portuguezes original do dr. Mario Monteiro. — **Avenida.** (tournee Rentini), Sonho de Valsa, opera comica de Strauss. — **Trindade.** O Chapim de Crystal, peça phantastica em 3 actos, arranjo de Eduardo Garrido, musica de Filipe Duarte. — **Gymnasio.** — **Colyseu dos Recreios.**

Peça de costumes portuguezes, a primeira de uma série que tem por fim expurgar dos nossos palcos as situações e os ditos acanalhados; uma peça emfim, — diziam os papeis nas referencias ao Sr. Doutor — de uma moralidade absoluta. Nós iremos mais longe. Sem que n'isto vá a menor sombra de censura, chamar-lhe-hemos — *ingenua*, embora vejamos na acção allusões a amores mal correspondidos, vinganças por ciúme, traições, scenas apaixonadas, chóros, toda a metralha emfim de que se servem usualmente os escriptores theatraes para sacudir a emoção das platéas. Tudo isto, porém, é tocado tão de leve, que quasi resulta assi-tirmos apenas a uma sequencia de scenas, onde o auctor, n'uma manifesta preocupação constante, pretende dar-nos todo o colorido pittoresco dos nossos costumes e da vida no Minho. Consegue o, por vezes, é certo, abusando, porém, um pouco dos descantes e bailes de roda, que embora agradem ao paladar do publico, deviam ser-lhe servidos mais parcimoniosamente. Posto isto, a nossa opinião sobre a peça do sr. dr. Mario Monteiro é que ella pela intenção com que foi lançada merece todo o nosso applauso, pois é, sem sombra de duvida, preferivel a toda essa avalanche pornographica de revistas que, excepções á parte, é uma noção nas paginas da historia do theatro portuguez contemporaneo.

Mas, como obra theatral, seja-nos permittido este desabafo, resente-se um pouco não só de falta de acção, mas, muito especialmente, do estudo de caracteres, o que, — mais de uma vez aqui o tenho feito sentir — em geral é descurado pelos nossos escriptores, que, aproveitando — quando por acaso vão buscar para as suas peças tipos genuinamente portuguezes, que não inspirados por obras estrangeiras, mórmente francezas — mais o bulício das multidões a que a belleza dos costumes, aliada a uma bem dirigida movimentação, empresta uma certa theatralidade e deliciando mais a vista do espectador, e desprezando o estudo em particular de cada typo pelas difficuldades que se lhe antolham, e também, creio, pela maior incerteza em conquistar o *supremo juiz*, como usam de appellido-o, nisso fazem consistir o principal merito da sua obra.

Ha a attender, e em boa verdade se diga, a que é este o primeiro trabalho de genero, do sr. dr. Mario Monteiro, e que elle representa já um louvavel esforço para a obra do resurgimento do *theatro Portuguez*; temos fé que de futuro nos dará trabalho de melhor urdidura e mais completo, pois não lhe escasseia vontade nem talento. Oxalá o publico saiba corresponder ao intuito generoso e nobre do auctor e que este seja secundado por todos os que a este genero consagram uma parte da sua actividade para a grande obra do resurgimento do nosso Theatro; e, se tal se conseguir, cabe, sem duvida, ao talentoso moço a gloria da iniciativa.

Para o Sr. Doutor escrevem o maestro Luiz Filgueiras lindos trechos de musica apropriados, merecendo elogios o concertante do segundo acto.

Desempenhou-se proficientemente da sua missão a companhia do **Rua dos Condes**, dando todos os artistas bastante relevo ao seu trabalho, mostrando vontade de acertar, pelo que lhes endereçamos os nossos applausos. Estreou-se n'este theatro o actor Domingos, um comico de merecimento, que durante dezenas de annos divulgou pelas feiras e provincias desprezando contractos de varios empregarios de Lisboa e Porto, que viam n'elle um bom elemento. Embora o papel que lhe distribuiram fugisse um pouco do seu genero, desempenhou-o conscienciosamente.

Deslumbrou-nos pela verdade e pela propriedade o scenario de Luiz Salvador.

Depois de uma brilhante digressão pelas provincias, voltou á capital a *«Tournee» Rentini*, fazendo representar com grande successo a opera comica allemã do maestro Strauss; *Sonho de Valsa*, no theatro



As festas de verão no Porto
Grupo dos premiados no torneio de tiro aos pombos



As festas de verão no Porto
A tourada na praça aa Alegria — Aspecto de camarotes

Avenida. Dispõe a companhia de bastantes elementos de valor, como *Dolores Rentini*, *Leopoldo Froes*, *Sinões Coelho*, que são os directores e ensaiadores, e Barreiros, cujo volume de voz dia a dia se vae desenvolvendo, podendo dizer-se que é um dos nossos melhores tenores de operetta. Brevemente dar-nos-ha a *Princesa dos Dollars* e a peça hespanhola de grande espectáculo *Niña Muiada*.

Foi optimamente representada pela companhia que trabalha actualmente na **Trindade** a magica *Chapim de Crystal*, arranjo do escriptor Eduardo Garrido com musica de Filipe Duarte sobre a conhecida lenda da *Gata Borralheira*.

Tanto o desempenho, como o guarda-roupa e scenario agradaram extraordinariamente, e a prova é que as enchentes succedem-se. Vae dar nos esta companhia mais algumas peças do seu vasto repertorio, que devem ser outros tantos successos.

Voltou o *Arco da Velha* ao **Gymnasio** com um quadro novo intitulado *Borda d'Agua* e coplas novas.

O *compère* agora é desempenhado por Alegirim, que é impagavel de graça, fazendo rir o publico, que não se cansa de o ouvir.

Um dos espectaculos mais atrahentes, actualmente, em Lisboa, é o que o intelligente empregario do **Colyseu dos Recreios** está proporcionando ao publico com as sessões de luta romana, nas quaes tem tomado parte Deriaz, Apollon, Tom Jackson, Fonson, e outros luctadores afamados. A par d'isto uma excellente companhia de variedades, das melhores do estrangeiro.

RUY.